

A organização das mulheres camponesas



Na luta pela terra e na construção da agroecologia no sertão do Rio Grande do Norte





EXPEDIENTE:

A organização das mulheres camponesas
Na luta pela terra e na construção da agroecologia
no sertão do Rio Grande do Norte

Realização:

Comissão Pastoral da Terra - Equipe Mossoró/RN
2020

Apoio:

Diocese de Mossoró
Inter-American Foundation
HORIZONT3000
MISEREOR

Redação:

Marluce Melo
Hilberlândia Andrade
Renata Albuquerque

Edição:

Hilberlândia Andrade

Projeto Gráfico e revisão:

Lara Tapety

Imagens:

Carmelo Fioraso
Ellen Dias
Renata Albuquerque

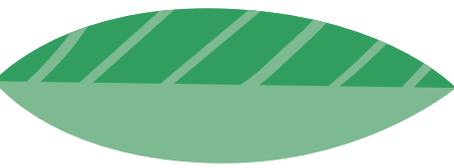
Imagem de capa e desenhos:

Mirian Alves - Grupo de mulheres Unidas Pela
Fé (Comunidade Terra de Esperança – Gover-
nador Dix-Sept Rosado/RN)

Copyrigh CPT NE2

**É permitida a reprodução total ou
parcial da publicação, devendo
citar fonte de referência.**





SUMÁRIO:

Apresentação	5
Lutar pela terra: O primeiro passo para a liberdade das mulheres camponesas	6
A organização e a formação de grupo de mulheres	10
Enfrentar o agronegócio cuidando da terra	15
Quintais produtivos: espaços para diversidade e agroecologia	16
Fogões agroecológicos: mais saúde para a família e para o meio ambiente	19
Fundo Rotativo Solidário: autonomia para as mulheres camponesas	22
Tecendo telas e construindo redes	24
Lições aprendidas	25







APRESENTAÇÃO

A cartilha **A organização das mulheres camponesas - Na luta pela terra e na construção da agroecologia no sertão do Rio Grande do Norte** apresenta as experiências coletivas de agroecologia e de convivência com o semiárido, desenvolvidas por mulheres camponesas do sertão do Rio Grande do Norte com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Nessa região, a CPT acompanhou a luta pelo direito à terra de muitas famílias acampadas, posseiras e de pequenos/as agricultores/as. Todas elas, com muita força e esperança, escreveram um bonito capítulo na história da região quando conquistaram seus direitos por meio da Reforma Agrária ou da regularização de suas posses. Com os pés firmes na terra, essas famílias seguiram suas vidas, plantando alegria e alimentos saudáveis para a população.

Atualmente, essa história está ameaçada. É que, nos últimos tempos, o sertão do Rio Grande do Norte tem enfrentado a chegada de grandes empresas do agrohidronegócio, particularmente as do setor da fruticultura irrigada. A ação empresarial na região tem atingido as famílias camponesas, seja pela pressão para que saiam de suas terras, seja pelo controle das águas ou pela contaminação por agrotóxicos. Porém, a resistência é como uma flor que nasce no asfalto. E, nela, a força das mulheres camponesas tem se

mostrado fundamental.

Com o apoio da IAF (Interamerican Foundation), a CPT e as mulheres camponesas da região apostaram em um trabalho coletivo de formação, mobilização e de incentivo à ampliação de práticas agroecológicas. Uniram-se para fazer o enfrentamento não só ao modelo de produção do agrohidronegócio, mas também às estruturas patriarcais. Com essa caminhada, mais de 320 mulheres aumentaram seu protagonismo e foram além dos espaços domésticos, conquistando autonomia e autoestima. Onde as mulheres se organizaram em grupos (e passaram a atuar em espaços coletivos e a construir iniciativas agroecológicas) a organização e as conquistas comunitárias se tornaram mais consolidadas e firmes.

É essa história que queremos contar nesta cartilha. Esperamos que esse material seja compartilhado e utilizado por outros grupos de mulheres e por outras comunidades camponesas. Esperamos, acima de tudo, que as experiências das mulheres do sertão do Rio Grande do Norte seja um convite à luta em defesa da convivência com o semiárido, da agroecologia e da vida.

Mulheres camponesas, que sigamos nossa caminhada em defesa da vida!

Boa leitura!



LUTAR PELA TERRA: O primeiro passo para a liberdade das mulheres camponesas



A história que vamos contar começou há muito tempo. Lá pela década de 1990, o sertão do Rio Grande do Norte estava sendo maltratado por grandes latifundiários. Eram poucas pessoas e empresas que concentravam muita terra, dinheiro e poder, causando injustiça e miséria à população rural da região.

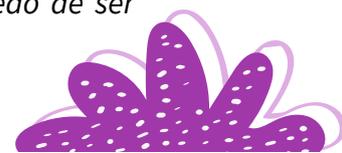
Mas essa situação mudou quando famílias camponesas, sem-terra e de pequenos/as agricultores/as, aqui e ali, decidiram se unir e, juntas, dar o primeiro passo para acabar com as injustiças sociais que sofriam. Começaram a luta pela terra! Com apoio da Comissão Pastoral da Terra e de sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais locais, essas famílias transformaram o sertão do Rio Grande do Norte.

A região, até então dominada por latifúndios, começou a ser transformada com a criação de diversos assentamentos, além da regularização de pequenas propriedades, onde centenas de famílias produziam de modo agroecológico e em convivência com o semiárido. Hoje, essa luta continua, pois há muitas famílias que ainda não conquistaram a terra, mas

estão caminhando com esperança, força e persistência, sonhando com o direito de viver com felicidade e dignidade no campo.

Nessa história, as mulheres camponesas escreveram um capítulo especial, cheio de desafios e conquistas. Elas nos contam que sofreram muitos preconceitos quando decidiram ir aos acampamentos reivindicar um pedaço de terra. Ouviram várias vezes que não eram capazes de conquistar seus direitos. Mesmo sendo desencorajadas, não desanimaram e seguiram com seus objetivos! Foram em busca do sonho da terra prometida.

Quando mulheres unidas decidem lutar contra as injustiças sociais, elas rompem as cercas do capitalismo e também as do machismo e as do patriarcado, que dizem que a mulher tem menos valor e deve ser sempre submissa. Por isso, mulheres unidas podem balançar as estruturas de poder da sociedade! Afinal de contas, é como diz a música: *“pra mudar a sociedade do jeito que a gente quer, participando, sem medo de ser mulher/ Pois sem mulher a luta vai pela metade, participando sem medo de ser mulher!”*





“Fomos muito discriminadas quando começamos a luta pela terra. Chamavam a gente de vagabundas. Nós, mulheres, nos organizamos desde o acampamento e isso nos fortaleceu.

Tinham dias que a gente estava desanimada, a CPT vinha e nos reanimava e, com isso, íamos animando umas as outras. Foi um meio de nos fortalecer.”

Maria Magnólia da Silva - Comunidade Prof. Maurício de Oliveira - Assu/RN

“A luta pela terra é um sonho que eu tinha de muito tempo. Eu tinha muita vontade de plantar e de ter uma terra no meu nome. Na época em que eu morava na terra dos outros, eu passava por um bocado de humilhação. Diziam que a terra não era minha; às vezes, não queriam me deixar plantar; não quiseram me dar os documentos

para que eu pudesse dar entrada no salário-maternidade. Eu tinha esse sonho de ter a terra. Aí eu fiquei sabendo dos acampamentos através do pessoal do sindicato, dos colegas e dos vizinhos. Eu fui. Eu botei na cabeça: ‘vou, não desisto. Eu insisto e não desisto’. Fui em frente. Graças a Deus consegui.”



Rita Vidal - Comunidade Maria Cleide, Governador Dix-Sept Rosado/RN.



“A primeira coisa que vem na minha mente quando me lembro da luta pela terra é a perseverança, porque foram dez anos lutando. Muita gente desistiu, porém continuamos aqui, na esperança de conquistar nosso pedacinho de terra. A terra para mim significa muita coi-

sa. Significa a minha paz, significa que eu vou ter onde morar, que eu vou ter onde produzir, onde criar meus bichinhos. Nessa luta também aprendi que não são só os homens que precisam de terra. As mulheres também precisam. A gente também pode produzir.”

Ana Cristina Mendonça - Acampamento Coração de Jesus, Assu/RN.

“O primeiro motivo de eu estar no acampamento é a força de vontade que tenho de conquistar a terra. Eu tenho fé em Deus que chego lá. O segundo motivo é que eu gosto muito de ter contato com a terra. Sou filha de agricultores, não gosto de morar na zona urbana. Hoje eu me encon-

tro aqui e vou ficar até o dia em que Deus quiser. Vou conquistar o meu espaço, vou estar no que é meu, porque é disto que eu gosto, de cultivar a terra, de plantar. É daí que vem uma alimentação saudável para mim e para a minha família.”

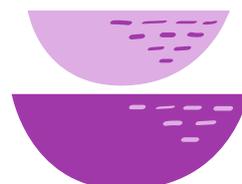


Ednaura Nazaré da Silva - Acampamento Coração de Jesus, Assu/RN.



“Eu disse: ‘eu vou!’. Não me arrependi. Passamos três meses debaixo dos pés de pau. Os homens diziam que não sabiam quem nós iríamos ver lá nos acampamentos e perguntavam: ‘O que vocês vão ver lá dentro daqueles matos com um monte de gente que vocês não conhecem?’”

Antônia Dulcineide de Moraes - Comunidade Maria Cleide, Governador Dix-Sept Rosado/RN.





“Eu passei muitos anos no sofrimento que é plantar em terra dos outros. Não só eu, como meu pai, que também não tinha terra. Depois de um tempo, fui trabalhar para uma grande empresa de fruticultura. A gente plantava o melão, coletava e arremessava para os tratores. Trabalhei um tempo lá. Foi quando sofri um acidente e pedi transferência para outra empresa. Nela, conheci o meu marido. Namoramos, casamos e eu engravidei. A gente já tinha o contato com o veneno, mas a gente sem criança é uma coisa, com uma no ventre é outra coisa, né? Eu sentia muitos problemas e uma vez pedi para os funcionários da empresa: ‘Gente, dá pra vocês tirarem o ve-



veno dessa área e botar para outra área? Estou grávida e não posso inalar esse veneno’. Eles responderam: ‘Não, se você quiser continuar tem que trabalhar debaixo do veneno. Os outros também não estão?’ Eu disse: ‘Estou grávida, não posso inalar o veneno’. Eles não se importaram e foram informar aos superiores que vieram falar comigo, dizendo: ‘Não, você tem que



continuar. Você não sabe que o trabalho da gente é esse?’. Eu disse: ‘Tudo bem!’. Aí, eu ficava do hospital para casa, da casa para o hospital. Dia trabalhava, dia não trabalhava. E assim eu tive minha filha. Ela nasceu com problemas de saúde. Tive que sair da empresa para cuidar dela. Fui ser dona de casa e fazer outras atividades. Nesse intervalo, uma senhora me convidou para lutar pela terra. Plantei sempre em terras alheias, então decidi entrar na luta pela terra. Só tinha Deus por mim, porque meu marido era todo dia dizendo para não ir. Foi uma luta! Hoje, conquistei a terra, reconquistei meu marido, conquistei meus filhos.”

Ana Maria da Silva Gomes – Comunidade Prof. Maurício de Oliveira – Assu/RN.



A ORGANIZAÇÃO E A FORMAÇÃO DE GRUPOS DE MULHERES:

“Quando chegar à terra, lembre que tem outros passos para dar”

As mulheres ainda são muito desvalorizadas em nossa sociedade, seja no campo, seja na cidade. Elas têm que lutar muito contra o machismo e enfrentar os preconceitos para serem vistas e tratadas com igualdade e respeito nos espaços que ocupam. Reconhecendo esse desafio, a CPT decidiu estimular a organização de grupos de mulheres nas comunidades acompanhadas no sertão do Rio Grande do Norte. Para isso, a pastoral visitou casa por casa para conversar com cada mulher sobre a importância de construir uma coletividade organizada. Essa iniciativa deu início a uma nova jornada.

A partir de 2006, alguns grupos de mulheres começaram a surgir nas comunidades. Durante as reuniões realizadas, as camponesas discutiam vários temas, sejam aqueles específicos à vida da mulher, sejam outros mais gerais, igualmente relevantes para suas rotinas. Foi a partir dessas discussões nos grupos que vários problemas enfrentados pelas camponesas foram identificados.

Um desses problemas é a falta de reconhecimento do trabalho das camponesas. Por exemplo, o trabalho doméstico, feito em sua maioria por mulheres, não é contabilizado e/ou remunerado. Isso faz com que muitas pessoas o considerem somente como uma “ajuda” ao trabalho remunerado masculino. Além disso, apesar de as mulheres desempenharem as mesmas atividades que os homens, são vistas com desconfiança e descrédito.

Elas também sentiam dificuldades em participar da vida política da comunidade. Muitas vezes, não conseguiam estar presentes nas reuniões. Alegavam que tinham muitas tarefas em casa e no roçado. Além disso, algumas enfrentavam a resistência de seus maridos, que não compreendiam a importância da participação das camponesas nessas atividades.



A identificação desses, e de tantos outros desafios, foi determinante para que a CPT e as mulheres camponesas decidissem elaborar um plano de formação com metodologia participativa. O plano teve como objetivo contribuir para o despertar da consciência de classe e do papel político das mulheres no contexto de luta em defesa da terra. Os temas aprofundados foram:

- 1) A divisão sexual do trabalho;
- 2) Mulher e reforma agrária;
- 3) Mulher e agricultura;
- 4) Mulher e agroecologia;
- 5) Soberania alimentar;
- 6) Comercialização de alimentos.

O plano de formação foi uma ferramenta eficaz para que as mulheres despertassem sobre a existência do sistema capitalista e patriarcal, que provoca a exploração e opressão de gênero e classe. A partir daí, a formação contribuiu para a organização e o protagonismo das mulheres nas comunidades, alimentando novas relações sociais, inspiradas na partilha, na solidariedade e no respeito.

Atualmente, existem doze grupos de mulheres consolidados e fortalecidos que contribuem para derrubar as barreiras que antes as camponesas enfrentavam sozinhas.

“Já participei de várias formações, como oficinas e reuniões do grupo de mulheres. Aprendi bastante, já sou outra pessoa. Muitas vezes, sabemos de algumas coisas, mas, com a formação, descobrimos outras coisas muito importantes. Descobrimos o quanto nós temos direitos e não sabíamos. No início, eu quis até desistir, mas aprendi com o grupo que não devemos desistir, nem desanimar. Uma dá força à outra para não desistir da luta.”

Rosilma Constantino Moraes de Sousa – Comunidade Professor Maurício de Oliveira, Assu/RN.



“As reuniões do grupo são importantes para nós. Discutimos só nós, mulheres, sobre violência contra a mulher, sobre direitos, sobre o poder que nós temos, sobre a reforma agrária e a agroecologia!”

Samara Rejane dos Santos Alencar – Comunidade Professor Maurício de Oliveira, Assu/RN.





Grupo de Mulheres Unidas Venceremos
COMUNIDADE JOSÉ SOTERO - CARAÚBAS



Grupo de mulheres Unidas Pra Vencer
COMUNIDADE CAIÇARA - APODI



Grupo de Mulheres Unidas pra Vencer
ACAMPAMENTO CORAÇÃO DE JESUS - ASSU



Grupo de Mulheres Guerreiras da Chapada
COMUNIDADE PAULO CANAPUM - APODI



Grupo de Mulheres em Ação - COMUNIDADE
CHICO REGO - GOVERNADOR DIX SEPT ROSADO



Grupo de Mulheres Unidas Pela Fé - COMUNIDADE TERRA DE ESPERANÇA- GOVERNADOR DIX SEPT ROSADO



Grupo de Mulheres Unidas Venceremos - COMUNIDADE MARIA CLEIDE - GOVERNADOR DIX SEPT ROSADO



Grupo de Mulheres Raízes do Campo - COMUNIDADE SANTO ANTÔNIO - GOVERNADOR DIX SEPT ROSADO



Grupo de Mulheres Determinadas COMUNIDADE NOVE DE OUTUBRO - CARAÚBAS



Grupo de Mulheres Sementes da Terra COMUNIDADE PROF MAURICIO DE OLIVEIRA



ENFRENTAR O AGRONEGÓCIO CUIDANDO DA TERRA:

As experiências agroecológicas realizadas pelas mulheres

Com a terra conquistada, a produção agroecológica e as experiências de convivência com o semiárido foram ampliadas. Em pouco tempo, o trabalho desenvolvido pelas mulheres e por suas comunidades se tornou referência para todo o Brasil. Mas elas logo perceberam que não basta lutar pela terra. Também é preciso lutar para defender a natureza e a produção de alimentos saudáveis.

É que nos últimos anos, o governo federal tem oferecido vários atrativos para que grandes empresas da fruticultura irrigada se instalem na região, bem próximas às comunidades. Quando chegam, essas empresas causam muitos danos às famílias camponesas e também à natureza. E quais são esses danos?

Tais empresas da fruticultura produzem para exportação e utilizam uma quantidade imensa de veneno, que contamina o solo, a água e o ar, atingindo a produção agroecológica das famílias camponesas. Contudo, não é só isso. O uso excessivo da terra e da água para irrigação por parte das empresas tem levado ao controle e à apropriação privada desses bens da natureza na região, prejudicando, mais uma vez, as famílias camponesas e o meio ambiente!

Essa situação colocou os pequenos agricultores e agricultoras em alerta. Para impedir a



destruição ambiental completa, muitas comunidades de municípios como Assu, Apodi, Caraúbas, Upanema e Governador Dix-Sept Rosado decidiram enfrentar o agrohídronegócio, fortalecendo ainda mais a agroecologia e as estratégias de proteção da natureza.

Nessa caminhada de resistência em defesa da vida, o papel das mulheres ganhou destaque. Guardiãs do território e da agroecologia, as camponesas se opuseram de modo firme ao projeto capitalista no campo, que é também um projeto patriarcal. Hoje, elas vêm animando as comunidades e enfrentando o modelo que produz alimentos contaminados. Estão demonstrando, acima de tudo, o grande potencial da agroecologia para combater a fome e a miséria na região e para defender a vida e a soberania alimentar. A força das camponesas resiste e está de pé, inspirando as comunidades a enfrentarem, unidas, os males do agrohídronegócio.

Foram realizadas várias atividades, como intercâmbios, oficinas e capacitações, além da implantação de muitas experiências agroecológicas. Por meio de tais ações, as mulheres estreitaram as relações de solidariedade, criaram processos de trocas de experiências, fortaleceram articulações locais e até animaram a luta pela conquista da terra em comunidades que ainda não tinham este direito garantido. Juntas, as camponesas semearam e cultivaram o sonho de que em suas comunidades o povo pode plantar, colher, comer e partilhar seus alimentos, cuidando da natureza e da vida.

Vamos conhecer algumas dessas experiências agroecológicas realizadas pelas mulheres camponesas do Oeste do Rio Grande do Norte?



Quintais produtivos: Espaços para diversidade e agroecologia



Uma das primeiras experiências agroecológicas fortalecidas pelas mulheres do sertão do Rio Grande do Norte foi o quintal produtivo. Vamos conhecer um pouco mais sobre essa experiência.

O quintal produtivo, espaço que fica ao redor da casa, é um local cheio de vida. Nele, é possível cultivar muitas coisas ao mesmo tempo: fruteiras, hortaliças, plantas medicinais e alimentos diversificados. Também é possível criar animais de pequeno porte, como galinhas e porcos. Tudo ao redor da casa! Com o quintal repleto de produção, a família vive ainda mais próxima da natureza e as crianças podem brincar enquanto colhem frutas saborosas e saudáveis direto do pé!

Aproveitando esse espaço, a família aumenta a produção de alimentos, o que ajuda a

garantir soberania alimentar! Para preparar o almoço ou a sopa do jantar, por exemplo, é só dar um pulo no quintal. De tudo tem! Muitas vezes, em períodos de seca, são os frutos dos quintais produtivos, cultivados pelas mulheres, que sustentam toda a família.

É um espaço que também fortalece os laços familiares e os conhecimentos ancestrais, passados de geração para geração. As famílias, especialmente as mulheres, colocam em prática os conhecimentos transmitidos por seus ancestrais, mas também usam a criatividade para desenvolver novas experiências agroecológicas. Assim, o quintal produtivo é como um laboratório familiar onde os conhecimentos ancestrais e os das novas gerações se encontram!

Os quintais produtivos também contribuem para a geração de renda quando o excedente é comercializado. Muitas mulheres levam suas hortaliças, frutas e verduras para as feiras locais. Tudo fresquinho! Com os recursos obtidos pela comercialização desses alimentos, as mulheres têm conquistado mais autonomia.

Além de possibilitar melhora no orçamento familiar, essa iniciativa favoreceu a articulação comunitária. Também foram percebidas melhorias na alimentação, na climatização das casas, no embelezamento da comunidade e, sobretudo, na autoestima das camponesas.





“Nos intercâmbios com a CPT tomei conhecimento de que poderia produzir no meu próprio quintal e sem usar agrotóxicos. Além disso, faço uso do adubo humos e do sistema de bioágua. Consegui produzir belas hortaliças com sementes doadas pela CPT e que, através de parceria com a IAF, tem ajudado na minha renda familiar. Foi vendo o meu quintal produtivo que outras mulheres do Grupo Unidas pela Fé estão fazendo o mesmo.”

Rita Borges – Comunidade Terra de Esperança, Governador Dix-Sept Rosado/RN.

“O quintal produtivo mudou muito a minha vida e da minha família. Com ele, tenho alimentação em casa. Tenho banana, maracujá, hortaliças. Não precisamos sair do sítio e ir à cidade para comprar alimentos. Quando eu preciso de alguma verdura ou fruta, é só ir ali no meu quintal. As plantas são saudáveis porque não usamos veneno, usamos somente água reutilizada. É uma riqueza para mim e para minha família. A gente ter alimentação em casa é muito importante.”

Leiliana Pereira Salles - Comunidade José Sotero, Caraúbas/RN.



“Antes das reuniões, das oficinas e dos cursos, eu ficava assistindo a novelas. Depois, meu marido e eu fizemos uma horta com o apoio da CPT. Com ela, a renda da família mudou e também mudou a alimentação, porque, ao invés de comprar, a gente agora tem alimento sem veneno produzido no nosso quintal. Eu vou até a horta colher o que plantei para botar dentro da panela. Estamos produzindo beterraba, cenoura, tomate, cebolinha, coentro, batata doce, feijão, milho e melancia. Temos de tudo aqui. Temos fruteiras, goiaba, cajariana, coco, acerola, limão, mamão. Tudo tem no meu quintal. Além da horta, eu também crio galinhas e vendo ovos. Meu lucro melhorou muito a partir do quintal produtivo.”

Joseane Fernandes – Comunidade Padre Pedro, Upanema/RN.

“Graças a Deus, no meu quintal de tudo tem. É bom porque não tem veneno, é para a nossa casa, para a nossa família, para o vizinho. Meu quintal é bom demais. Tem tomate, coentro, alface... É uma economia grande.”

Maria Noêmia Pereira – Comunidade Professor Mauricio de Oliveira, Assu/RN.





Oficina de construção de fogão
COMUNIDADE JOSÉ SOTERO - CARAÚBAS



Oficina de construção de fogão - COMUNIDADE MARIA CLEI-
DE - GOVERNADOR DIX SEPT ROSADO



Oficina de construção de fogão - COMUNIDADE MARIA CLEI-
DE - GOVERNADOR DIX SEPT ROSADO



Oficina de construção de fogão
COMUNIDADE SOTERO - CARAÚBAS



Intercâmbio da oficina de construção de fogão
COMUNIDADE NOVE DE OUTUBRO - CARAÚBAS

Fogões agroecológicos:

Mais saúde para a família e para o meio ambiente

No sertão do Nordeste, costuma-se usar o fogão à lenha convencional, no entanto esse tipo de fogão consome bastante madeira, o que prejudica a preservação da Caatinga. Também produz muita fumaça, o que pode causar problemas de saúde, especialmente para as mulheres, que ainda são responsáveis pela maioria dos trabalhos domésticos.

Pensando em solucionar esses problemas, as camponesas participaram de intercâmbios sobre uma iniciativa bastante inovadora: o fogão agroecológico. Nesses intercâmbios, foi utilizada a metodologia participativa e multiplicadora, dando possibilidade para que as agricultoras participantes aprendessem como se constrói o fogão, podendo partilhar seus conhecimentos posteriormente para as demais companheiras.



Os fogões agroecológicos têm tido grande procura e se expandido para várias famílias. Hoje, 39 unidades deste tipo de fogão já foram construídas nas comunidades José Sotero e Nove de Outubro, no município de Caraúbas; nos assentamentos Chico Rêgo, Maria Cleide e Terra de Esperança, no município Governador Dix-Sept Rosado; na comunidade Professor Maurício de Oliveira, no município de Assu; e em Caiçara, no município de Apodi.

Fogão agroecológico é tecnologia social que respeita o meio ambiente e o povo do semiárido!



Você sabia ?



Respeita o meio ambiente!

Ele é chamado de agroecológico porque consome pouca lenha: cerca de 50% a menos do que o fogão à lenha convencional. Assim, as famílias ajudam a preservar o meio ambiente e o bioma Caatinga!



É mais prático!

Por serem necessários pequenos feixes de madeira, fica mais fácil o seu transporte e armazenamento, beneficiando e favorecendo o trabalho das mulheres.



Receitas diversificadas!

Com os fogões agroecológicos é possível fazer muitas delícias: carnes, grãos, assados, bolos, biscoitos, bolachas, pães e vários outros tipos de preparos.



Alimentos mais saudáveis!

Outra vantagem desse fogão é possibilitar que as famílias cozinhem alimentos mais saudáveis, pois em muitos preparos não é preciso usar óleo ou outro tipo de gordura.



Cozinha rápido!

Apesar de utilizar pouca lenha, este fogão cozinha bem mais rápido do que o fogão à lenha convencional, pois tem muita eficiência energética. Com isso, as famílias ganham mais tempo para fazer outras atividades.



É mais econômico!

Com o fogão agroecológico, a família não precisa comprar o botijão de gás.



Chega de fumaça!

A pouca fumaça que é produzida não fica dentro de casa! Ela escapa pela chaminé do fogão, deixando a cozinha e a casa livre de poluição, contribuindo para o bem estar e a saúde da família.



“Sou muito grata pelo meu fogão agroecológico. Eu tenho problemas cardíacos e não posso comer alimentos gordurosos. Então, eu cozinho sem óleo e uso muito o forno que vem nele. Para mim, tem sido uma benção e estou muito satisfeita. Tenho recebido muitas visitas de pessoas que querem conhecer o fogão. Tem gente que vem tirar foto, tem gente que vem olhar como foi feito... e assim a gente vai espalhando a ideia e divulgando um trabalho tão importante que a CPT trouxe para o nosso município de Caraúbas.”

Ilma Maria – Comunidade Boa Água, município de Caraúbas/RN. (Coordenadora da Comissão de mulheres do STTR de Caraúbas)

“O fogão agroecológico é muito bom para assar bolos, carnes, para cozinhar tudo. A gente faz uma comida bem rápida e gostosa. Para mim, foi muito bom. Estou muito feliz. O fogão agroecológico mudou muita coisa, né? É uma coisa boa, uma coisa que é para a vida toda. Ave Maria! O assado é mais gostoso. Eu nunca gostei de fritura, só de assado. E meu esposo não pode comer fritura, pois ele é diabético, sofre de pressão. Então, eu asso tudo: carne, frango... Também já fiz umas bolachinhas de goma. O fogão é bom até demais, mulher! Olhe, você bota dois pedacinhos de lenha e já dá para cozinhar meio mundo de comida.”



Julieta Mendes – Comunidade José Sotero, município de Caraúbas/RN.



“O fogão é bom demais, mulher! Ele cozinha tudo muito bem e muito rápido. Um dia desses, fiz uma panela de sopa muito grande, pois toda a minha família estava aqui em casa. Ave Maria, foi ligeiro demais! Eu estava sem panela de pressão, então usei uma panela normal e pensei que não iria cozinhar a tempo. Não demorou. Para assar bolo também é uma maravilha, pois o forno é muito bom. É uma bênção esse fogão.”

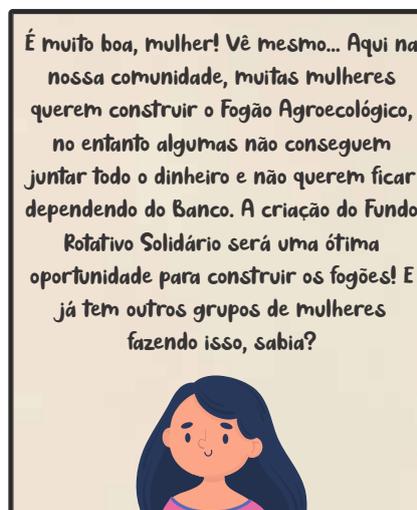
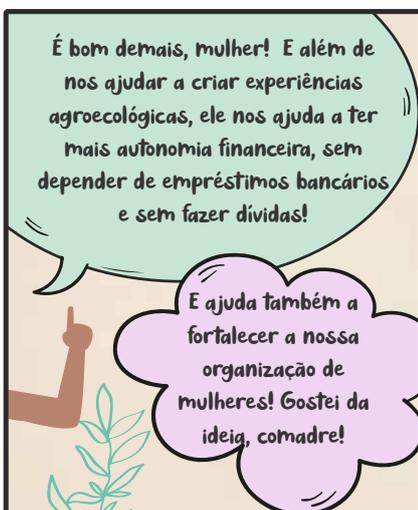
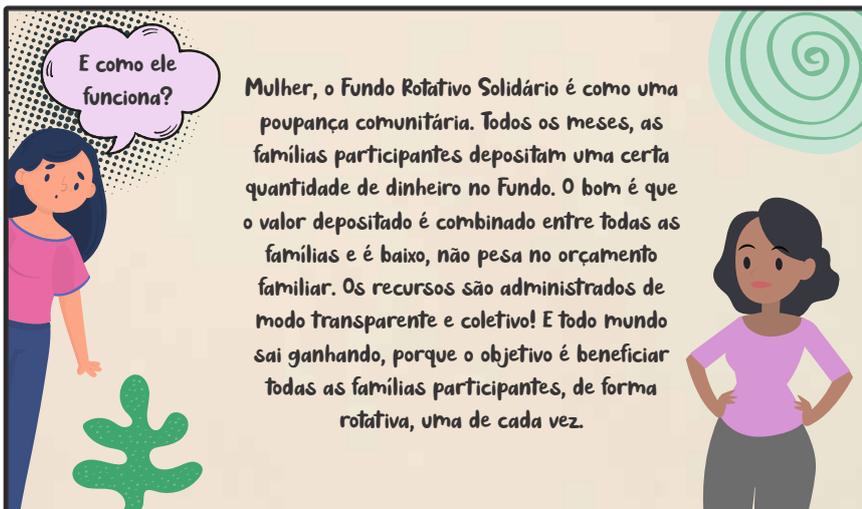
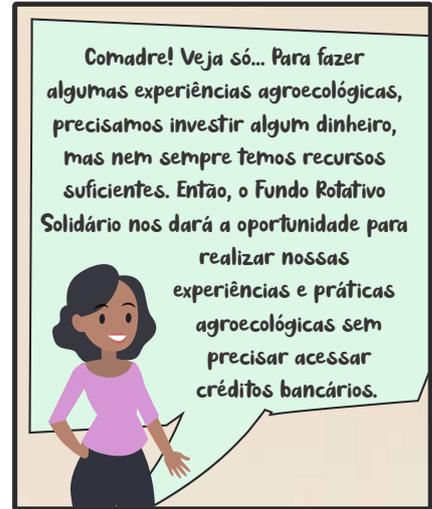
Edilene da Silva – Comunidade Nove de Outubro, Caraúbas/RN.

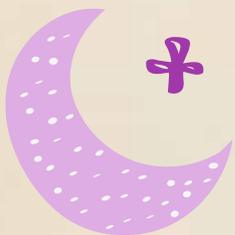




Fundo Rotativo Solidário:

Autonomia para as mulheres camponesas





“Hoje, 12 comunidades estão fazendo parte do fundo rotativo que objetiva construir fogões agroecológicos. Eu já consegui construir o meu, outras companheiras também já construíram os seus. O objetivo é que cada mulher participante do fundo rotativo possa ter o seu fogão agroecológico, pois achamos muito importante para melhorar a qualidade de vida no ambiente onde moramos. É assim: todo mês pagamos uma

taxa até formar o valor do fogão. Cada mulher tem um carnê o qual paga mensalmente. O dinheiro é depositado em uma poupança e quando a gente vê, já dá para fazer um fogão! Aí a gente vai construir, né? Contrata o pedreiro, compra o material e vai executando o fogão. É assim que nós estamos construindo, é assim que nós estamos realizando, porque entendemos que é a melhor forma que a gente encontrou para que



cada mulher fosse contemplada com essa bênção de Deus que é o fogão agroecológico.”

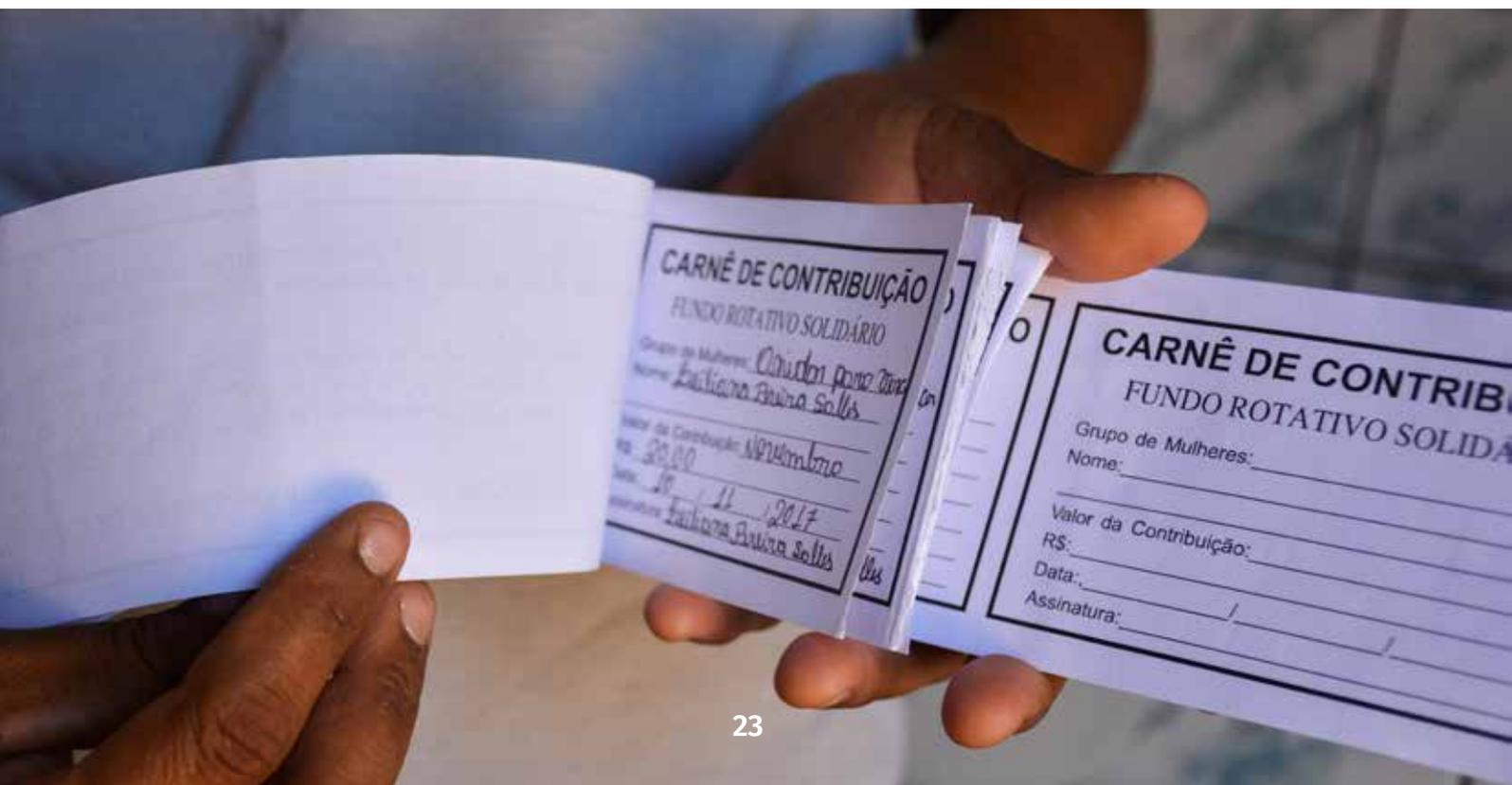
Ilma Maria – Comunidade Boa Água, município de Caraúbas/RN. (Coordenadora da Comissão de mulheres do STTR de Caraúbas)

“Nós, do grupo de mulheres do assentamento José Sotero, criamos um Fundo Rotativo. Cada uma de nós paga todos os meses o valor de vinte reais para sermos beneficiadas com a construção do fogão agroecológico. As mulheres vêm, pagam, eu preencho o boleto, elas ficam com um

comprovante e eu fico com outro, para controle e para prestar contas a quem pagou. Todos os meses, o valor que foi arrecadado botamos na poupança. Depois do fogão, podemos fazer outro fundo, por exemplo, para a criação de galinha ou para a fabricação de telas para cercado.”



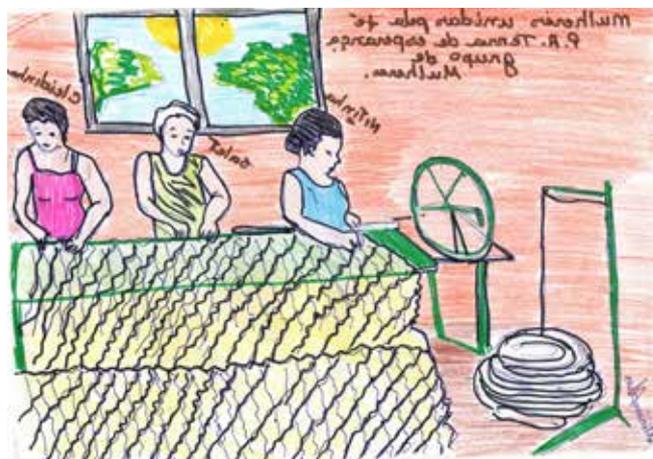
Leiliane Pereira Sales – Comunidade José Sotero, Caraúbas/RN.



Tecendo telas e construindo redes

Na Comunidade Professor Maurício de Oliveira, localizada no município de Assu/RN, as mulheres criaram um grupo chamado “Sementes da Terra”. O nome foi inspirado no que há de mais fecundo na natureza, pois a semente germina o alimento que nos sustenta todos os dias. Samara Rejane e Maria da Conceição Gomes de Souza, conhecida como Ceíça, explicam que o nome sintetiza a proposta do grupo: assimilar e semear conhecimento e narrar suas vivências com a agroecologia.

As mulheres desse grupo já participaram de várias formações. Uma delas foi o intercâmbio, promovido pela CPT, no município de Remígio, na Paraíba, sobre a confecção de telas de arame. Nesse intercâmbio, as camponesas aprenderam que as telas podem ter múltiplas finalidades. Podem ser utilizadas, por exemplo, para a construção de galinheiros e para organizar os quintais produtivos, possibilitando uma melhor estruturação e



arrumação do espaço. As mulheres ficaram entusiasmadas com a experiência. Com o apoio da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) e da Fundação Interamericana (IAF), conseguiram recurso a fim de viabilizar a compra de maquinário necessário à fabricação das telas. As mulheres ficaram entusiasmadas com a experiência.

Quando o equipamento chegou à comunidade, Samara Rejane fez o treinamento, aprendeu a manejar os equipamentos e ensinou para as demais companheiras do grupo. Hoje, quatro mulheres se revezam no ofício da fabricação das telas em Professor Maurício de Oliveira.

Para o trabalho com as telas se manter, foi necessário um investimento que cobrisse os custos operacionais do projeto. Por isso, as mulheres decidiram organizar um fundo rotativo no valor de vinte reais. A poupança colaborativa serviu para a compra dos rolos de arame e para a manutenção da máquina.

Uma curiosidade sobre esse trabalho com as telas é que, por se tratar de um grupo exclusivamente de mulheres, apenas elas estão autorizadas ao manejo. Homens não mexem na máquina. Essa experiência foi repassada para mais dez comunidades.

“Quando eu vi essa tela fiquei muito maravilhada, porque é como diz o ditado: ‘a gente morre e a tela fica.’ É muito resistente. É diferente daquela outra que compramos pronta nos armazéns, que é fina e que até o cachorro tora. Fazer nossa própria tela para cercar nossos quintais produtivos é muito maravilhoso. Além de fazer a

nossa, ainda fazemos as das companheiras e dos companheiros. É uma gratificação grande e especial. É muito satisfatório. Em qualquer canto nos sentimos orgulhosas por isso. Eu acho tão bom quando a gente está trabalhando aqui e as pessoas passam e param para perguntar. Nós já somos conhecidas como as mulheres das telas.”



Samara Rejane dos Santos Alencar – Comunidade Professor Maurício de Oliveira, Assu/RN.



Lições aprendidas

O papel das mulheres na luta em defesa da terra, do território e da agroecologia nem sempre foi valorizado. Muitos preconceitos e desafios foram enfrentados para que elas fossem reconhecidas e para que pudessem participar das decisões e da vida política de suas comunidades. As mulheres do sertão do Rio Grande do Norte deram as mãos e caminharam juntas rompendo as cercas do sistema capitalista e do sistema patriarcal. Nesta caminhada, foram muitas as lições aprendidas.



“É o sonho da nossa família ter uma terrinha para plantar, para cultivar. Resolvemos ir para uma ocupação de terra e recomeçar a vida. Antigamente, plantava e combatia as pragas da plantação com veneno. Então, nas reuniões, nos cursos e nos intercâmbios aprendi que tem outra maneira de combater. A agroecologia é a melhor forma para a natureza e para as pessoas. Participando dos grupos, aprendi a mudar

o meu jeito de plantar. Também aprendi várias coisas sobre os direitos das mulheres. Aprendi que antigamente, nos assentamentos, a terra tinha como titular o homem. Tudo era só para o homem. Hoje em dia, muitas titulares são mulheres. Nós temos nossos direitos. Com o grupo de mulheres, percebi que posso ser independente. Ser independente é eu saber que aquilo ali fui eu que plantei, aquilo ali eu colhi com meus



filhos e com meu marido. Antigamente era só ele. Eu diria para as outras mulheres que elas também têm os direitos delas.”

Ana Cristina – Acampamento Arthur Sabino, Assu/RN.



“Eu aprendi que a gente não deve baixar a cabeça para a opressão. Aprendi que cada mulher pode ter seu direito de viver da forma como quiser e como puder. Por mais que tenhamos dificuldades, a gente nunca deve desistir,

e sim persistir pelos nossos sonhos, pelos nossos objetivos. A cada dificuldade, com uma ajudando a outra, a gente vai superando. A gente tem que cultivar o que aprendemos cada vez mais.”

Francimara da Silva – Acampamento Arthur Sabino, Assu/RN.





“Aprendi a ser mais dona de mim. Eu achava que quando a gente é criança, o pai é quem manda, e quando a gente casa, quem manda é o marido. Com o grupo de mulheres, aprendi a respeitar mais o meu espaço como mulher, porque eu não tinha essa liberdade. Aprendi que posso tomar decisões sem precisar pedir autorização ao meu esposo. Isso para

mim foi uma grande vitória. Meu casamento ficou até mais leve depois disso, pois a gente se liberta mais. Depois que cheguei ao acampamento e comecei a participar das oficinas e intercâmbios, também fui descobrindo como cultivar, por exemplo, no quintal produtivo. Eu não sabia como fazer. E eu aprendi através do grupo de mulheres do acampamento,



porque estamos sempre nos reunindo e conhecendo outras experiências que não conhecíamos.”

Ednaura Nazaré da Silva – Acampamento Coração de Jesus, Assu/RN.

“Antes, o homem dava um grito e a mulher ficava cabisbaixa, para mostrar certo tipo de submissão. Eu tiro por minha mãe, que dizia assim: ‘a palavra maior aqui é a do seu pai. Hoje, graças a Deus, eu consegui me libertar disso. Hoje, eu digo aos homens: ‘Os direitos são iguais, porque se você planta um roçado, eu planto também. A nossa vida todo dia é uma aprendizagem. Hoje, eu sou muito agra-



decida porque tenho a terra de onde tiro o alimento saudável. Na natureza é onde eu me forta-

leço. Eu vejo como está o sistema por aí, devastando, deixando tudo por terra, né? Então, tentamos salvar da nossa forma. Não sei como vamos chegar lá, porém tentamos mudar um pouco o que os grandes estão destruindo. O que os grandes destroem, as mulheres estão tentando construir. Então, mexer com o meio ambiente, com a natureza, pra mim, é a minha vida, é o que eu gosto.”

Ana Maria da Silva Gomes – Comunidade Prof. Maurício de Oliveira, município de Assu/RN.

INTERCÂMBIO



Comissão Pastoral da Terra

MULHER



Comissão Pastoral da Terra Nordeste II

Rua Esperanto, 490, Ilha do Leite, CEP: 50070-390 – RECIFE – PE
Fone: (81) 3231-4445 E-mail: cpt@cptne2.org.br

APOIO:

